

As duas faces da política econômica

ANTONIO CARLOS GODOY

Os freios acionados pelas autoridades econômicas produziram os resultados esperados: a inflação começa a declinar, a balança comercial apresenta os primeiros superávits, os bancos estrangeiros e o Fundo Monetário Internacional estão mais satisfeitos com a gestão da economia brasileira. Infelizmente, porém, há o outro lado da moeda, também fruto da política econômica: a recessão no setor industrial, particularmente em São Paulo, o aumento do desemprego no País e a falta de perspectivas de recuperação a curto prazo.

Em resumo, para enfrentar o problema do balanço de pagamentos, a que pode causar um colapso, a economia brasileira terá sua taxa de crescimento reduzida para 3 ou 4% este ano, isto é, a metade da expansão verificada em 1980 ou menos. Os empresários da indústria sabem que essa redução era necessária, mas têm a impressão de que as autoridades precisam agir com urgência para evitar ou minimizar os efeitos sociais do desemprego. Apenas na indústria paulista, o número de desempregados chegava a 220 mil em julho. Em abril e maio, segundo dados do Departamento Intersindical de

Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), havia 774 mil pessoas desempregadas na Grande São Paulo e 1,1 milhão vivendo em regime de subemprego.

Além do desemprego, há outros sinais de recessão na indústria. O mais evidente deles é a queda da demanda de energia elétrica. Segundo a Eletrobrás, a diminuição do consumo fará cair a rentabilidade do setor energético de 8% para 6%, porque a demanda deverá ter seu crescimento diminuído de 13% para 6% este ano. Outro sinal da recessão na indústria é a queda de 10% no consumo de aço durante o primeiro semestre

de 1981, causada principalmente pela menor produção de veículos e eletrodomésticos.

Além da capacidade ociosa e do desemprego, o que mais preocupa os empresários industriais é o nível elevado das taxas de juros. Executivos de uma montadora de veículos acreditam, contudo, que a diminuição do ritmo das atividades econômicas e a queda da inflação deverão provocar sensível baixa dos juros durante o segundo semestre, o que poderá estimular as vendas de veículos.

Mas, advertem fontes do setor bancário, as taxas de

juros internas não poderão tornar-se mais baixas que as externas, pelo menos enquanto persistir a necessidade de captar recursos externos. Mais uma vez, os problemas da dívida externa e do balanço de pagamentos acabam transformando-se em série restrição, ao impedirem a queda dos juros, que teria efeitos imediatos sobre as vendas do comércio e o nível da produção industrial.

Até o momento, apesar do uso de expressões como o chamado "relançamento" da economia, as autoridades não dão nenhuma indicação de que predem suavizar os

freios impostos à economia ou tomar novas medidas para contornar os problemas do balanço de pagamentos. Para alguns observadores, a ida ao FMI poderia ser uma alternativa interessante nesse sentido, tendo em vista que as condições do organismo internacional são bem mais favoráveis que as dos bancos comerciais.

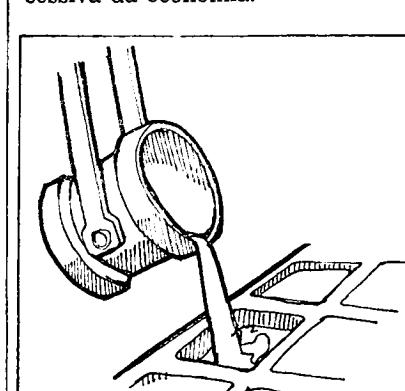
Tudo isso, no entanto, não passa de especulação. Diante dessa falta de perspectivas, a maioria dos empresários consultados não tem elementos para acreditar em mudanças significativas nos próximos meses.

Máquinas e equipamentos

Produção: Os números de produção e vendas (em valor deflacionado) permanecem estáveis no segundo trimestre, em relação ao anterior. A retração das vendas de produtos manufaturados repercutiu negativamente sobre as novas encomendas de máquinas e equipamentos mecânicos.

Emprego e investimentos: No período abril-junho, o nível de emprego no setor caiu cerca de 1%, em relação ao primeiro trimestre. Entre 31/10/80 e 31/7/81, o nível de emprego caiu 3,3%, com a dispensa de 4.740 pessoas. Os planos de investimento das indústrias de bens de capital permanecem suspensos.

Perspectivas: Esperam-se maiores dificuldades para o atual trimestre, uma vez que não há sinais de reversão sensível na atual tendência recessiva da economia.



Mercado imobiliário

Fundição

Produção: No segundo trimestre, a produção de fundidos foi de 384.443 t, com uma queda de 4,8% em relação ao período anterior. No entanto, as vendas não tiveram o mesmo desempenho, em razão de modificações na sistemática de compra por parte dos clientes do setor: houve cortes drásticos de programação e diminuição de estoques, o que obriga o fabricante a manter, praticamente sem nenhum compromisso de aquisição, peças estocadas à espera de pedidos que podem ou não acontecer.

Exportação: Dados dos meses de abril e maio indicam uma diminuição da ordem de 16% nas vendas externas.

Problemas: Aumento dos custos financeiros, dificuldades de capital de giro e alta das principais matérias-primas. A queda das encomendas é o fator mais preocupante, pois poderá gerar mais desemprego no setor, no terceiro trimestre.

Emprego: As fundições têm procurado não dispensar mão-de-obra, "para não agravar ainda mais o problema social", mas o nível de emprego caiu 13% no primeiro semestre.

Perspectivas: Não foi possível encontrar expectativas otimistas, uma vez que os principais setores compradores de peças fundidas (automobilístico, de autopêgas, máquinas, siderurgia e saneamento básico), que adquirem 80% da produção, estão desacelerados. A exportação não é suficiente para compensar a diminuição das vendas no mercado interno.

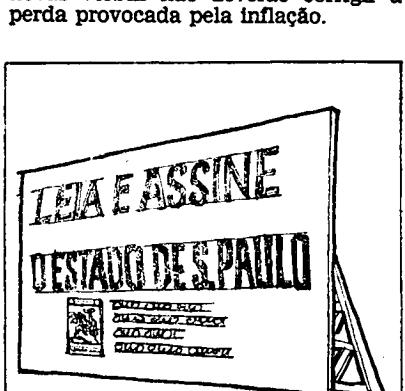
Propaganda

Movimento: O nível de atividade no setor, durante o segundo trimestre, foi superior ao do primeiro, como acontece tradicionalmente. A análise dos dados das principais agências mostra que quase todas atingiram seus objetivos (conservadores) para o período abril-julho. No entanto, poucas conseguiram no trimestre aumento de faturamento superior ao índice de inflação.

Fatores favoráveis e problemas: Os principais problemas foram causados pela dominância das atividades da indústria e do comércio. Alguns clientes reduziram as verbas, procurando, assim, diminuir despesas e sem considerar os efeitos desse corte no investimento publicitário sobre a demanda. Outros clientes, especialmente na área de automóveis e eletrodomésticos, incrementaram seus investimentos publicitários com dois objetivos: reduzir a velocidade de queda da demanda e manter participação no mercado.

Emprego: Nas grandes agências, o nível de emprego manteve-se estacionário; nas pequenas e médias houve dispensa de pessoal.

Perspectivas: O terceiro trimestre deve ser melhor que o segundo, mas as novas verbas não deverão corrigir a perda provocada pela inflação.



Comércio

Movimento: As vendas no segundo trimestre, na região metropolitana de São Paulo, foram 3,3% menores do que as já fracas vendas do trimestre anterior e 15,49% mais baixas que as do segundo trimestre de 1980, descontado o crescimento dos preços varejistas no período.

Esses resultados negativos levaram o comércio a apresentar, durante o primeiro semestre, retração acumulada das vendas de 18,34%, em comparação com igual período do ano passado. Essa taxa torna bastante remota a possibilidade de se chegar ao final do ano com movimento anual de vendas superior ao de 1980.

A retração, apesar de generalizada (apenas o ramo de calçados conseguiu manter durante o semestre crescimento positivo — de 4,7%), ocorreu com maior intensidade nos segmentos de produtos com valor unitário mais elevado. Os setores que mais sofreram foram as lojas de departamentos (15% de queda acumulada no semestre); lojas de utilidades domésticas (-25%); materiais de construção (-18%); concessionárias de veículos (-29%); e móveis e decoração (-34%).

Fontes do comércio atribuem essa retração à política econômica adotada pelo governo, que objetiva a desaceleração da indústria eletroeletrônica e da indústria automobilística. No entanto, afirmam essas fontes, os resultados dessa política já teriam surpreendido as próprias autoridades econômicas, que têm demonstrado preocupação com a queda do nível de emprego.

No Grande São Paulo, o número de empregados no comércio caiu 5,3% nos primeiros seis meses deste ano, em comparação com o primeiro semestre do ano passado. Apesar desse fato basta, segundo analistas do setor, para demonstrar a total falta de expectativas de melhora da situação a curto prazo.

Essa falta de perspectivas se justifica, dizem os comerciantes, pois não há indícios de alteração dos principais fatores que determinam as atuais dificuldades: o crédito escasso e caro e a perda de poder aquisitivo da população. Assim, enquanto persistirem as atuais taxas de juros, as vendas dos varejistas continuarão fracas, tendo em vista que os empresários certamente não poderão arcar com os riscos da manutenção de estoques à espera de uma incerta reação de seus negócios.

Os altos juros deverão, também, continuar a inibir os consumidores, principalmente no segmento de produtos de alto valor unitário, em que as vendas a prazo representam considerável parcela das operações.

Além disso, a perda de poder aquisitivo de ponderável parte da população (ao lado da apreensão generalizada em torno da manutenção do emprego) não deverá reverter-se a curto prazo, "pois suas causas residem na própria política econômica estabelecida e que as autoridades não parecem dispostas a alterar, pelo menos até o final do presente ano".

No ramo de supermercados, as vendas reais foram, em abril-junho, 1,2% menores que as do período janeiro-março. Fontes do setor culpam a política econômica recessiva, o aumento da instabilidade social e os altos juros. Entre os fatores favoráveis, as fontes destacam o primeiro vencimento, a rendimento elevados, da cedência de poupança e a restituição do Imposto de Renda.

No ramo de supermercados, as vendas reais foram, em abril-junho, 1,2% menores que as do período janeiro-março. Fontes do setor culpam a política econômica recessiva, o aumento da instabilidade social e os altos juros. Entre os fatores favoráveis, as fontes destacam o primeiro vencimento, a rendimento elevados, da cedência de poupança e a restituição do Imposto de Renda.

Defensivos animais

Produção: Manteve-se relativamente estável, mas com tendência de queda, em consequência da situação geral do País. As dificuldades para a compra de matérias-primas e a impossibilidade de repasse dos custos ao consumidor podem acelerar essa tendência no segundo semestre, período em que a produção aumenta. Algumas empresas tiveram quedas de até 30% nas vendas.

Exportação: As exportações do setor são insignificantes e os esforços para aumentá-las têm sido inúteis, em razão das dificuldades burocráticas e da instabilidade do cruzeiro.

Fatores favoráveis e problemas: A carença tem sido menos exigente na liberação das guias de importação de matérias-primas sem similar nacional; o relacionamento entre o setor e o Ministério da Agricultura é muito bom, o que tem ajudado a superar as dificuldades, entre elas a "arbitrariedade" do CIP e da Sunar.

Perspectivas: Espera-se sensível aumento das vendas no atual trimestre.

Eletroeletrônica

Produção: As medidas de forte contenção monetária e fiscal adotadas pelo governo, com vistas a corrigir os desequilíbrios no balanço de pagamentos e diminuir as pressões inflacionárias, provocaram sensível queda no nível de atividade do setor. Assim, confirmando a tendência observada nos primeiros meses do ano, o ritmo de atividade do setor eletroeletrônico apresentou no segundo trimestre significativo decréscimo, em relação a idêntico período do ano passado.

O atual comportamento recessivo apresentado pela indústria eletroeletrônica pode ser melhor avaliado pelo quadro abaixo.

Problemas: Retração de mercado; dificuldades para captação de recursos junto ao sistema bancário, bem como elevados custos financeiros; elevados índices de atraso de pagamentos por parte de órgãos da administração.

Exportação: Apesar das dificuldades enfrentadas pelo setor nos últimos meses, em virtude da defasagem das desvalorizações cambiais, as estimativas indicam que as exportações da indústria eletroeletrônica, principalmente depois da instituição do crédito-prêmio, poderão atingir em 1981 cerca de US\$ 1,1 bilhão, que corresponde a um acréscimo de 40% sobre 1980.

Problemas: Retração de mercado; dificuldades para captação de recursos junto ao sistema bancário, bem como elevados custos financeiros; elevados índices de atraso de pagamentos por parte de órgãos da administração.

Propaganda conjuntural do setor eletroeletrônico

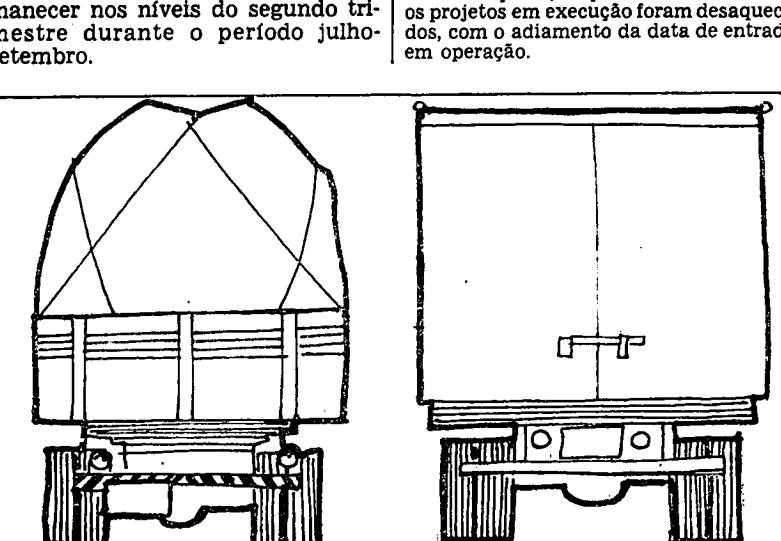
SETORES	INDICADORES DE VENDAS - AVAÇOAMENTO			
	2º TRIMESTRE/81 2º TRIMESTRE/80	2º TRIMESTRE/81 1º TRIMESTRE/81	1º SEMESTRE/81 1º SEMESTRE/80	(*) 2º TRIMESTRE/81
Antenas	-10%	estável	-10%	-10%
Aparelhos Eletrodomésticos Portáteis	-18%	-6%	-18%	Inferior
Aparelhos Eletrodomésticos Domésticos	Inferior	Inferior	Inferior	Inferior
Componentes Eletrônicos	-25%	+20%	-35%	-40%
Condicionador de AR	-23%	+15%	-18%	-17%
Disjuntores de Média e Alta Tensão	Entradas de Encomendas -2,5%	Entradas de Encomendas Estável	Entradas de Encomendas -20%	Entradas de Encomendas 10%
Equipamentos de Força para Telecomunicações	Entradas de Encomendas -50%	Entradas de Encomendas -60%	Entradas de Encomendas -60%	...
Equipamentos Elétricos Rotativos para Veículos	Inferior	...	-18%	...
Ferramentas Elétricas Manuais	Inferior	...	-10%	-10%
Fogões	-17%	-1%	-11%	Inferior
Material Elétrico de Instalação	-10%	-2%	-10%	-10%
Painéis Elétricos	Entradas de Encomendas -15%	Entradas de Encomendas Estável	Entradas de Encomendas -10%	Entradas de Encomendas -10%
Refrigerador	-16%	-3%	-12%	-4%
Transformadores	Distribuição: As entradas de encomendas apresentaram redução de 30%. Forças: As entradas de encomendas foram inferiores.	Distribuição: As entradas de encomendas foram inferiores 10%. Forças: As entradas de encomendas foram inferiormente inferiores.	Distribuição: As entradas de encomendas apresentaram redução de 30%. Forças: As entradas de encomendas foram inferiores.	Distribuição: As entradas de encomendas devem ser inferiores. Forças: As entradas de encomendas devem ser inferiores.

1º trimestre de 1981. 2º trimestre de 1980. (*) 2º trimestre de 1981.

Transporte rodoviário

Emprego e investimentos: Não há dados seguros sobre a evolução do nível de emprego no setor, embora haja informações de que, em algumas áreas, existe desemprego.

Perspectivas: Dependem diretamente das possibilidades de reativação da economia. Em julho, fontes do setor queixavam-se da demora para o escoamento da safra de soja, no Sul e da falta de cargas no Nordeste. Essa situação provocava a retenção de caminhões, já que a maioria preferia parar quando não existe a perspectiva de obter carga de retorno.



Transporte rodoviário

Movimento: O segundo trimestre foi extremamente negativo para o setor, que sofreu diretamente as consequências da recessão na indústria e da diminuição do movimento comercial. Em algumas áreas, a queda no movimento de cargas foi da ordem de 50%.

Problemas: O principal foi o aumento do óleo diesel, de 110% no primeiro semestre, exigindo aumento do capital de giro das empresas. Para o transporte autônomo, essa alta chegou a provocar mudanças nos hábitos de alimentação e hospedagem.